

"BISCOITO DA SORTE"

Escrito por
Mariana Silveira e Ana Ruchiga

"BISCOITO DA SORTE"

[Trecho episódio piloto]

FADE IN:

1. EXT - TERRAÇO - NOITE

O SOM DE CREPITAR DO FOGO se mistura à fumaça.

Do alto de um prédio DOIS HOMENS com indumentárias de ASTRONAUTA observam a cidade enquanto conversam em volta de uma fogueira portátil.

O ASTRONAUTA I aponta um telescópio na direção de um prédio em frente.

ASTRONAUTA I

Naquele prédio ali caiu um elevador hoje. Das cinco pessoas que estavam dentro, quatro fraturaram algum osso. A que quebrou o fêmur foi direto pra cirurgia.

ASTRONAUTA II

Mas foram quantos andares?

O ASTRONAUTA II aviva o fogo com um atizador de brasas.

ASTRONAUTA I

Só um, o elevador despencou do segundo piso para o primeiro.
(encara o Astronauta II)
Você sabe qual foi o primeiro indício de civilização?

ASTRONAUTA II

Um elevador?

2. INT - SALA APARTAMENTO DE OLAVO - MANHÃ

SOM DE CREPITAR DO FOGO.

A sala é ampla, mais se assemelha a um antiquário do que a uma casa. As janelas estão fechadas e o único ponto de luz vem de um abajur sobre a escrivaninha em que OLAVO (24 anos, estatura média, cabelos bagunçados, barba por fazer, usa óculos de grau, bastante inquieto) escreve à máquina com voracidade. Seus dedos estão manchados de tinta, as mangas da camisa arremangadas de qualquer jeito. Os pés descalços roçam de forma ininterrupta um massagador de madeira antigo.

O interfone TOCA, Olavo enfia tampões de ouvido, bebe um gole de café e volta-se para o texto.

1. EXT - TERRAÇO - NOITE

O ASTRONAUTA II recolhe uma apara de madeira derrubando uma enorme pilha de lenha.

ASTRONAUTA I
Não, um fêmur quebrado. Quer dizer,
cicatrizado. Antes disso, com
certeza alguém já havia quebrado o
fêmur.

O ASTRONAUTA I coloca a apara na fogueira com uma pinça.

ASTRONAUTA II
Como assim?

O ASTRONAUTA II atíça o fogo, erguendo labaredas.

ASTRONAUTA I
Uma pessoa que quebrou o fêmur não
consegue caçar ou fugir. Um fêmur
cicatrizado quer dizer que alguém
cuidou de quem se machucou.

3. INT - SALA/QUARTO APARTAMENTO DE OLAVO - MANHÃ

Olavo datilografa curvado sobre a máquina. É interrompido pelo TOQUE DE CAMPAINHA, seguido por VOZES e PASSOS no corredor do prédio.

Ele pega a máquina de escrever e corre para o quarto, tropeçando em livros e pilhas de papeis.

Olavo apoia a máquina em uma cadeira, se atira no chão e cerra os olhos, procurando se concentrar.

SOM DE BATIDAS na porta.

OLAVO
(grita em direção à porta)
Ainda não é a hora da estrela.

Olavo resmunga a última linha escrita: "Um fêmur cicatrizado quer dizer que alguém cuidou de quem se machucou".

SOM INTENSO DE BATIDAS NA PORTA.

Olavo escancara a porta e se depara com FELIPE (25 anos, olhos claros, roupas informais, postura descontraída, usa uma cadeira de rodas).

FELIPE
(entrega envelopes com
contas vencidas)
Até que enfim, hein? Achei que eu
tava batendo no apartamento errado.

Felipe recua pelo corredor, Olavo atira os envelopes longe.
Bate a porta do quarto e segue Felipe.

DOIS ENTREGADORES depositam caixas de papelão entre os
móveis. Uma TÉCNICA testa a instalação de um telefone fixo.

FELIPE (CONT'D)
(para os entregadores)
Aí tá bom.

Olavo esbarra em uma caixa e se apoia na estante de livros.

O entregador dá um tapinha no ombro de Felipe.

ENTREGADOR
Boa sorte pro senhor aí no
trabalho.

FELIPE
Valeu.

Felipe assiste Olavo atravessar a sala, abrir as cortinas,
desligar o aparelho de som da tomada, recolher livros e os
forçar nas prateleiras.

FELIPE (CONT'D)
É como eu disse no email. O melhor
jeito de agilizar nosso workflow é
concentrar todo o trabalho.

Diante da escrivaninha, Olavo arranca os post-its da parede,
enfia canetas e papeis em uma gaveta.

OLAVO
Geralmente eu me concentro melhor
sozinho.

FELIPE
Já que você não disse nada, eu
achei que tava tudo certo.

Olavo avança sobre uma das caixas de papelão e a empilha
sobre outra, empurrando-as até a porta.

A técnica da empresa telefônica coloca o aparelho sobre a mesa e SAI sem chamar atenção.

OLAVO

Eu concordei em escrever um punhado de frases. Só isso. O que quer dizer que eu pretendia continuar MANDANDO as mensagens pra você.

Felipe confere as caixas até encontrar uma cafeteira.

FELIPE

(com a embalagem de cápsulas de café na mão)
Viu só? Acabamos de reduzir mais uma etapa no processo de produção. Quer café?

OLAVO

(nega com a cabeça e senta em uma das caixas)
Então é isso que chamam de cadeia produtiva.

Com calma, Felipe larga as cápsulas no aparador ao lado da máquina e inspira profundamente.

ÍCARO, MATHEUS e VICENTE (queers, próximos dos 30 anos, atléticos, aparentam fazer parte de uma trupe circense) ENTRAM cantando e, trôpegos, largam CLARICE (23 anos, negra, tem o cabelo dividido em pequenas tranças, usa um vestido longo de tule, tem gestos dramáticos) no sofá. Os quatro estão suados e cobertos de purpurina colorida.

Matheus e Vicente cumprimentam Olavo e SAEM.

CLARICE

(para Olavo)
Você finalmente resolveu reconhecer as bençãos de uma limpeza energética ou essas são as caixas dos meus manequins novos?

OLAVO

(Olavo limpa purpurina da própria roupa)
Antes fosse.

Felipe se aproxima de Olavo como quem tenta lidar com um animal desconfiado.

FELIPE

Eu quero fazer o melhor pra empresa, só isso.

Olavo vira de costas para Felipe.

Ícaro se ajoelha em frente ao sofá e tira os sapatos de Clarice.

ÍCARO
Me liga mais tarde?

Clarice beija Ícaro e o dispensa com um gesto entediado.

Felipe liga a cafeteira, enche-a com água mineral e coloca uma cápsula.

Clarice se acomoda no sofá e ergue a saia do vestido, cobrindo o próprio rosto.

FELIPE
Alguém quer café?
(vira-se para Olavo)
Achei que você morasse sozinho.

OLAVO
Não.

Ícaro saca um copo de alumínio pendurado no ombro, coloca uma cápsula na cafeteira e serve-se.

ÍCARO
Nove andares depois, tudo que eu preciso é de café.

OLAVO
Pensei que já tinham consertado o elevador.

ÍCARO
Aham, mas a Clarice é preciosa demais pra gente arriscar.

OLAVO
O elevador só caiu um andar.

Clarice segura uma das almofadas e lança na direção de Olavo, errando a pontaria.

CLARICE
EIII!!!

Ícaro bebe um gole de café e SAI, esbarrando em GILBERTO (na faixa dos 50 anos, calvo, camisa surrada e meio aberta, gesticula muito) ao passar pela porta.

GILBERTO
(para Olavo)
Rapaz esperto, organizou a mudança
toda e ficou de bico calado.

Em um impulso, Clarice levanta e se coloca diante de Olavo.

CLARICE

Tá, eu troquei o adoçante por
xilitol e peguei um par de luvas da
Bea emprestado, mas mandei lavar a
seco e já devolvi.
(senta no chão diante
dele)
Só cancelei a assinatura de uma das
revistas porque você não tem mais
como pagar e se eu tivesse te dito
que aquele encontro era uma festa
você nunca teria ido...

OLAVO
Clarice, toda reunião que você vai
é uma festa. Ademais isso foi em
2011, eu não estou entendendo.

Gilberto fotografa a sala com o celular. Felipe para na
frente dele, impedindo-o de avançar.

FELIPE
Pera lá, ninguém tá se mudando. As
caixas são da nossa empresa que vai
funcionar aqui por uma questão
logística.

CLARICE
O quê?

Gilberto prensa Olavo contra a parede.

GILBERTO
Tenho certeza que posso arranjar
uma proposta mais atrativa do que a
última.

FELIPE
Outra hora, parceiro.

Olavo recua como pode. Felipe conduz Gilberto para fora do
apartamento e bate a porta.

Gilberto passa um cartão de visitas por debaixo da porta.

Olavo levanta, rasga o cartão ao meio e o arremessa no ar.

Clarice detém-se em Felipe, escaneando-o de cima a baixo.

FELIPE (CONT'D)

Eu sou o Felipe, sócio do Olavo.

Olavo pega um resto de café na escrivadinha e volta a sentar sobre a caixa de papelão. Bebe o café, o rosto contorcido em uma careta.

Clarice senta ao lado dele e a caixa afunda ligeiramente.

CLARICE

Só-cio?

Felipe pega embalagens com biscoitos da sorte de uma caixa com a logo "FRASEADOS", mostrando-as a Clarice.

FELIPE

Isso. Na empresa de biscoitos da sorte.

Clarice ergue a saia e retira dois pequenos frascos da liga elástica presa na coxa. Escolhe um deles, abre a tampa e espalha um óleo em roll-on pelas têmporas e entre as sobrancelhas.

CLARICE

(de olhos fechados,
massageia o rosto em
movimentos circulares)

Vou contar até dez antes de surtar,
tá? Então você tem cinco segundos.
Um... Dois...

Olavo espreita Clarice, que está a beira de uma síncope.

OLAVO

CLARICE (CONT'D)

Clarice, talvez eu precise Oito... Nove...
que só dessa vez...

Felipe se retira da zona de conflito e procura pelo que fazer. Vê um barbante prendendo as portas de um armário, pega ferramentas na mochila.

OLAVO (CONT'D)

Eu estava esperando uma boa hora
para te contar.

Clarice agarra a caixa de biscoitos da sorte, observa a logo da "FRASEADOS".

OLAVO (CONT'D)

Eu só tenho que escrever as *sortes*
para os biscoitos. Só isso.

(MORE)

OLAVO (CONT'D)
O Felipe faz o resto, pelo menos
era esse o combinado.

Felipe aperta os parafusos da dobradiça de uma das portas e
confere o nivelamento.

Olavo se apossa de um rolo de fita adesiva vermelha que vê em
uma das caixas.

CLARICE
E os lucros?

Olavo demarca uma divisão com a fita vermelha no meio da
sala.

FELIPE
(vira-se na direção de
Clarice.)
Meio a meio.

Olavo delimita o corredor que dá acesso aos demais cômodos.
Clarice escolhe um biscoito, desembulha e o racha ao meio.
Resgata a mensagem e devora a casquinha.

OLAVO
(separa a mesa em dois com
a fita enquanto fala)
Você fica desse lado, eu fico onde
eu quiser. Você só aparece na minha
casa nos dias e horários combinados
e não mexe em nada.

Vigiado por Olavo, Felipe arruma as portas e as fecha,
encerrando o trabalho.

CLARICE
(fala de boca cheia)
Então é hora de discutir o ritual
de abertura de caminhos da
Fraseados.

FELIPE
(guarda as ferramentas)
Panfletagem?

Clarice bufa.

OLAVO
(para Felipe)
Eu se fosse você tomava cuidado.

Felipe segura uma risada ao ver que nem Olavo, nem Clarice
acharam graça.